



Centro de Estudios Internacionales para el Desarrollo

[www.ceid.edu.ar](http://www.ceid.edu.ar) - [admin@ceid.edu.ar](mailto:admin@ceid.edu.ar)

Buenos Aires, Argentina

# ÁFRICA NA ESTRATÉGIA DA AL QAEDA<sup>1</sup>

06/05/2011



**Jonuel Gonçalves\*\***

Al Qaeda é o ramo mais radical e com mais meios de atuação do chamado islamismo político. Sua proposta é clara: jihad (guerra santa) global contra o ocidente, terra dos cruzados e grande satanás. Por extensão, países com relações normais com o ocidente (dos Estados Unidos à Rússia) também são passíveis de virarem alvos da estratégia desse movimento, cuja grande característica em termos organizativos é a descentralização por regiões.

Em África duas dessas regiões ganharam relevo: a faixa ocidental saharo-saheliana onde atua a Aqmi e a Somália, com prolongamentos em alguns vizinhos, onde cresceu a Al Shabab. Interessante constatar que ambas as faixas correspondem aproximadamente às vias de expansão inicial da religião muçulmana na África a sul do Sahara.

E o Egito, tal como naquela época remota, desempenha um papel central.

O islamismo foi fundado no ano 622 da era cristã (ano I muçulmano) data da migração do profeta Mohamed de Meca para

---

<sup>1</sup> Publicado em *Novo Jornal* de Luanda, Angola.

\*\* *Economista. Professor da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), em Salvador, e pesquisador do Centro de Estudos da Educação e Desenvolvimento em Ondjiva, Angola.*

Medina. Sua expansão foi rápida e, por via militar, chegou rapidamente a toda a península arábica, Mesopotâmia (atual Iraque) e, em 18 anos conquistava Alexandria. Da base egípcia avançou para todo o Norte de África e Península Ibérica.

Mais recentemente, no início do século XX, foi no Egito que nasceu o islamismo político, com a Irmandade Muçulmana (IM) considerada agora a principal formação política do país, da qual irradiaram varias tendências para todo o mundo árabe. A capacidade de irradiação política e cultural do Egito não se limita a essa faixa. Também os movimentos democráticos do Egito estimularam reivindicações semelhantes em países vizinhos ou relativamente longínquos, fazendo dele um caso especial com valor estratégico.

A IM ocupa quase todo o espaço de islamismo político no seu país, mas recentes atentados contra o gasoduto que leva gás egípcio para Israel e Jordânia, levantam algumas interrogações. Mais interrogações ainda aparecem a propósito das relações entre IM e Al Qaeda. Aparentemente muito más até aqui, fica a duvida sobre a linha a ser adotada por Ayman El Zawahiri, talvez o principal ideólogo da Al Qaeda, possível sucessor de Bin Laden e cidadão egípcio.

Um ponto parece certo, caso ele assuma a efetiva chefia do movimento: vai dedicar muita atenção a África, razão suplementar para avaliações e precauções em vários países do continente.

## **1. Da África do Sul à África do Leste passando pela Nigéria**

O comunicado do ANC sobre a morte de Bin Laden não foi nada explícito quanto ao facto em si, sendo por isso muito comentado. O documento, assinado pelo responsável de suas Relações Internacionais, Ebrahim Ebrahim - que também é vice-ministro do setor - condena a violência em geral, sem detalhar se se trata do terrorismo ou da violência do ataque USA que matou o ex líder da Al Qaeda, acrescentando ser favorável à resolução dos problemas mundiais "em volta de uma mesa e não em volta de uma bala".

Analistas sul-africanos opinam que os termos usados têm diversas explicações, uma das quais seria a animosidade antiga, da militância do partido no poder em relação a Washington, que colocou o ANC na lista dos terroristas durante o apartheid. Mas haveria também razões atuais, sendo principal as eleições municipais do próximo dia 18. O ANC tem boa parte do eleitorado muçulmano que pode fazer falta em cidades como Cabo e Durban. Parte dele, mesmo sem apoiar Al Qaeda, parece desaprovar a ação norte-americana.

O numero de muçulmanos sul-africanos pode estar próximo

dos dois milhões, no seio dos quais existem alguns movimentos específicos. O mais falado é o Pagad (Povo Contra o Gangsterismo e as Drogas), nome que lhe permitiu nos anos 1990 mobilizar e, em seguida, constituir movimentos com outros nomes para atuação política e envolvimento até em atentados no Cabo.

Por isso seu chefe, Abdulsalam Ebraim, esteve preso vários anos. Recentemente o Pagad parece ter renascido, com convocação de varias manifestações de centenas de pessoas cada e melhoria de seus meios de comunicação, incluindo site de internet. A linha adotada é pacífica, mas não falta quem diga que se trata de atitude tática, a ser mudada quando se julgassem em posição mais forte. Estas alegações decorrem de vários movimentos islamistas terem começado por ações de tipo social, como aconteceu, por exemplo, com o Hamas, com o islamismo somali e com o próprio Pagad no final dos anos 1990.

A policia sul-africana monitora todos os passos do grupo, diz-se em Pretoria.

No Quênia as preocupações são muito maiores. Al Qaeda cometeu no país um de seus maiores atentados (contra a embaixada norte-americana em Nairobi) e realizou em Mombaça um segundo atentado importante. Além disso, é queniano o homem considerado como líder das células desse movimento na África Oriental, Abdullah Mohamed Fazul. Daí o primeiro-ministro Raila Odinga ter-se regozijado com a morte de Ossama, acrescentando que os Estados Unidos deviam combater mais no leste africano as células e grupos terroristas.

Entre estes o mais importante, é o somali Al Shabab (a juventude) também conhecido por HSM e que, na boa tradição do islamismo político, é dirigida por pessoas que estiveram na União dos Tribunais Islâmicos (UTC) entidade vocacionada para aplicar a justiça numa terra sem lei, ganhando assim reconhecimento popular. A partir daí, a UTC transformou-se em força política detentora do poder em Mogadíscio durante meses, até ser derrubada pela intervenção etíope.

A queda suscitou divergências e uma tendência do movimento passou a fazer parte do Governo Federal de Transição dirigido, alias, por Sheick Ahmed, líder dos chamados islamistas moderados.

Com os extremistas ficaram nomes conhecidos do tempo da UTC, como Ibrahim "Al Afgani" e Hassan Rahir que voltaram à guerra. Al Shabab rapidamente apareceu como sua força principal, detentora do controle de quase metade da Somália, incluindo vários bairros de Mogadíscio e com capacidade para efetuar brutais atentados bombistas no exterior, como fez em Kampala para manifestar oposição à presença de forças ugandesas em Mogadíscio no quadro da Amisom.

A Nigéria é outro país africano com razões para medidas cautelares. Diversos pequenos grupos islamistas existem, sobretudo no norte e, cidadãos nigerianos são por vezes referenciados em movimentos além fronteiras. O mais citado daqueles grupos tem mesmo a designação popularizada como “Talibã nigeriano”. Porém, as vias de ação principais aparecem nos confrontos sangrentos com grupos cristãos, em estados do centro do país, ou em campanhas pela institucionalização da Sharia (lei corânica) nos estados do norte, onde a larga maioria da população é muçulmana. Ou seja, na Nigéria o islamismo político é uma realidade, ainda que minoritária mas possuidora de militantes com experiência em combates mortais de rua e ataques bombistas, como sucedeu semanas atrás, após a eleição presidencial de Goodluck Jonathan.

## **2. AQMI nasce na África do Norte...**

Até ontem pelo menos, a policia marroquina ainda não tinha efetuado qualquer prisão relacionada com o atentado no café Argana, em plena praça Jamaa El Fna de Marraqueche, quinta-feira da semana passada, onde morreram 16 pessoas e muitas outras ficaram feridas. É uma atitude diferente da usada para os atentados de Casablanca em 2003, quando lançou uma vaga de prisões contra islamistas locais sem provas. Desta vez, a responsabilidade desses setores parece descartada e os serviços de segurança voltam-se para “Al Qaeda do Magreb Islâmico” (Aqmi), fundada na Argélia em substituição do Grupo Salafista de Oração e Combate.

Foi em 2006, tendo o anúncio oficial mundial sido feito pelo egípcio Ayman Al Zawahiri. Isto dava a medida da importância atribuída à nova rede, que realizou alguns atentados na Argélia e teria estimulado o Grupo Islâmico de Combate (GIC) na Líbia, oposto a Khadafi, que ordenou a prisão e tortura de centenas de militantes.

Com base nisso, o chefe de Estado líbio afirma que a insurreição em curso no seu país é obra da Al Qaeda. A liderança geral da rebelião nega e alguns conhecedores dela afirmam que os islamistas políticos seriam minoria no seu conjunto. Apesar disso, todos os governos do Sahel dizem categoricamente que nos dias de assaltos a depósitos de armamento do exército líbio, islamistas teriam roubado muito material sofisticado em benefício da Aqmi.

Esta informação é capital, porque neste momento a Aqmi está muito mais ativa no Sahel que no Magreb propriamente dito, ainda que as investigações sobre o atentado do café Argana de Marraqueche possa dar detalhes atualizados.

### **3. ... mas está mais presente no Sahel**

Os montes Timetrine estão entre as áreas mais observadas do mundo, por satélite e aviões de reconhecimento e a força aérea francesa desempenha nesse quadro um papel de destaque. Por terra, todos os acessos à área são vigiados pelos exércitos regulares do Mali e da Mauritânia, possuindo esta uma base na histórica cidade maliana de Tomboctu.

Nestes montes estão instalados órgãos da Aqmi, não se sabendo ao certo de que nível hierárquico, mas sem dúvida importantes. A presença ali do argelino Abdelhamid Abou Zeid atesta tal importância, visto tratar-se de figura de destaque na estrutura da Aqmi e autor presumível de execuções sumárias de reféns.

Neste momento, a Aqmi detém sete prisioneiros capturados nas minas de urânio de Arlit no Níger -cinco franceses, um togolês e um malgache. Poucas semanas após esta operação de captura, outro comando da Aqmi entrou em Niamey, capital nigerina, raptou mais dois franceses num restaurante, mas não conseguiu levá-los muito longe porque forças especiais francesas intervieram desfazendo o comboio de veículos 4x4 da Aqmi, operação onde fizeram alguns presos entre os atacantes, tendo morrido os dois reféns.

A presença militar francesa na região aparece motivada pelos constantes ataques a cidadãos seus que lá vivem. Foi esta presença que permitiu a captura em Bissau, há algum tempo, de dois membros da Aqmi acusados de assassinato de turistas franceses na Mauritânia. Os serviços secretos franceses teriam passado a informação à polícia bissau-guineense.

A própria Mauritânia também está bastante empenhada no combate à Aqmi. Um dos raros consensos da sua classe política é sobre o terrorismo como alta prioridade para o país, alvo de frequentes atentados e exposição mundial como muito inseguro, a ponto do rali Paris-Dakar ter mudado para a Argentina.

As medidas de segurança em Nouakchott fazem parte do dia-a-dia.

Pouco antes da morte de Bin Laden, a Aqmi exigia, em troca dos sete reféns, alguns milhões de euros e a retirada francesa do Afeganistão. Em cima da notícia da morte do ex chefe da Al Qaeda, o semanário "Jeune Afrique" escrevia que o acontecimento era péssima notícia para os sete prisioneiros, que teriam passado os primeiros tempos de cativeiro nos Timetrine, mas estariam agora dispersos em outros locais.

Esta cadeia montanhosa em zona árida, assume também grande importância política já que mesmo antes da fundação da Aqmi, militantes islamistas trabalharam-na politicamente e até

criaram nela laços familiares. Indicações com fortes probabilidades de exatidão apontam para ligações a setores mais extremistas das rebeliões tuaregues que têm afetado o Mali e o Níger.

Estes dois países, situados entre os mais pobres do mundo, têm avançado nos seus processos de institucionalização democrática e, enquanto no Níger tomou posse no passado mês o recém eleito Presidente Issoufou - líder do PNDS, partido membro da Internacional Socialista - no Mali o atual chefe de Estado, Toumani Touré, após dois mandatos não pode recandidatar-se às eleições do próximo ano.

Um quadro de perspectivas interessantes onde o eventual reforço da Aqmi teria largo efeito perturbador. No mínimo.